

# artigo de opinião

Os artigos publicados nesta seção não traduzem necessariamente a opinião do IEA

## Repensando a Agricultura Paulista

Antônio Cabrera<sup>1</sup>

Ninguém pode elaborar um programa de trabalho sem contar com informações atualizadas. E foi com essa visão que iniciamos, logo no início da nossa gestão na Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, um novo censo rural. Afinal, estávamos com dados agrícolas dos anos 70.

Mas não bastava para nós atualizarmos números. Identificar as cadeias produtivas do Estado, partindo do tamanho médio das propriedades rurais, era nossa meta.

O estudo de uma cadeia produtiva tem por objetivo analisar as relações entre agricultura, indústria e distribuição, tomando por base a estrutura tecnológica, econômica e humana. Envolve uma seqüência de operações complementares, relativas à produção primária, processamento/distribuição e consumo de um bem, um caminho que vai da pesquisa ao consumidor final, um conjunto de agentes e operações que permitem a realização de uma atividade produtiva.

A análise das cadeias produtivas permite obter informações que servem para estabelecer os rumos para a atividade agrícola (o que deve acontecer); traçar previsões (o que poderá acontecer); identificar oportunidades e necessidades de uma pesquisa e de assistência técnica; subsidiar políticas para o setor, tanto públicas como privadas; fornecer elementos para planos agrícolas municipais e regionais; oferecer subsídios para

projetos agroindustriais.

O processo de desenvolvimento das economias industrializadas tem se caracterizado pela interdependência entre os setores agropecuário, industrial e de serviços. Dessa forma, a visão de Cadeia Produtiva é particularmente útil, para expressar as relações comerciais e tecnológicas que caracterizam a dinâmica de interdependência entre agentes pertencentes a determinados setores produtivos.

Estudar as Cadeias Produtivas é uma das condições essenciais para a realização de um trabalho mais amplo - iniciado também logo no começo da nossa gestão na Secretaria de Agricultura e Abastecimento - denominado Repensando a Agricultura Paulista e a Pesquisa Agropecuária, que se propõe a repensar para refazer. Esse projeto tem como objetivos estabelecer novas diretrizes que dêem liderança e direção ao desenvolvimento agrícola do Estado de São Paulo e reformular os Institutos de Pesquisa e os programas de pesquisa da Secretaria para apoiar o setor rural na sua nova realidade, transformando-se em instru-

mento eficaz para as novas diretrizes do negócio agrícola em São Paulo.

O trabalho vem evoluindo. Hoje, já identificamos dezoito cadeias produtivas: açúcar e álcool; arroz e feijão; borracha natural; carnes (bovinos, aves e ovos, suínos e pequenos animais); cebola, alho e condimentos; chá e café; farináceos; flores e plantas ornamentais; frutas

***"No momento em que desenvolvemos todo esse projeto, o Repensando a Agricultura Paulista e a Pesquisa Agropecuária, queremos saber qual será o cenário da agricultura paulista no ano 2005. E o futuro depende, certamente, do trabalho dos Institutos de Pesquisa, que ganham um novo fôlego, com a abertura da discussão e parcerias com outras entidades semelhantes do serviço público e privado."***

<sup>1</sup>Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

frescas; frutas processadas; hortaliças; laticínios; óleos essenciais; óleos vegetais; papel e celulose/móveis; pescado; produtos apícolas e têxtil/sericultura.

Convidamos pesquisadores da USP, chamamos o setor privado, a Federação da Agricultura, a Organização das Cooperativas de São Paulo que, em conjunto com as áreas técnicas da Secretaria, estão dissecando cada uma dessas cadeias.

O importante é, com esse trabalho, detectar problemas e encontrar soluções para chegar a um nível de eficiência que possibilite, aos segmentos envolvidos com a área de agricultura e abastecimento, colocar comida barata na mesa do consumidor.

Vamos tomar como exemplo, dentro da cadeia de frutas, a cadeia da laranja. Verificamos que 78% da produção vai para a indústria. O mercado brasileiro de suco compra apenas 2% da produção, porque 98% são absorvidos pelo mercado internacional.

Em resumo: de cada dez copos de suco de laranja que o mundo bebe, se tirarmos o mercado norte-americano, seis foram produzidos pela cadeia paulista. E como fica o nosso consumidor?

É preciso repensar todo esse processo, que indica falta de harmonia entre os segmentos da cadeia, conflito de interesses que desprezam a importância da integração de todos os setores envolvidos, para se obter a tão necessária eficiência.

Ao mesmo tempo, dentro de uma visão mais ampla da questão agrícola no Estado, estamos propondo uma nova divisão do Estado para as ações da Secretaria, que foge do critério burocrático das regiões administrativas. Nosso objetivo é levar em conta as características de produção e o potencial agrícola dos municípios envolvidos. Não podemos tentar atrelar um município essencialmente canavieiro com outro em que hoje se planta feijão.

A nova divisão, ao estabelecer fronteiras agrícolas, reconhece 40 microrregiões, que são, praticamente, 40 microbacias, cada uma com uma função específica. Em cada uma dessas regiões - que reúnem de 8 a 15 municípios - estamos criando um conselho regional de agricultura, além dos conselhos municipais e estaduais, representados pelos diversos segmentos: trabalhadores e empresários rurais, cooperativas, sindicatos e, em igualdade de condições, a Secretaria de Agricultura, através

da extensão rural, da pesquisa agropecuária e do abastecimento.

Esses conselhos definirão, também, as ações dos Institutos de Pesquisa em relação à cadeia produtiva da região onde atua.

No momento em que desenvolvemos todo esse projeto, o Repensando a Agricultura Paulista e a Pesquisa Agropecuária, queremos saber qual será o cenário da agricultura paulista no ano 2005. E o futuro depende, certamente, do trabalho dos Institutos de Pesquisa, que ganham um novo fôlego, com a abertura da discussão e parcerias com outras entidades semelhantes do serviço público e privado.

Consciente de que para avançar rumo ao futuro a área agrícola precisa incorporar a visão da importância da integração dos elementos das cadeias produtivas, a Secretaria de Agricultura e Abastecimento concentra e dirige seus esforços nesse sentido. Pesquisar é preciso. E mais: o produtor, para sua própria sobrevivência, precisa adaptar-se aos novos tempos, utilizando a criatividade para obter maior eficiência no resultado do seu trabalho, como acontece nos grandes centros.

Nos Estados Unidos, por exemplo, depois de abatido, o frango é ofertado no mercado em mais de mil formas diferentes de apresentação, em pedaços, misturado com legumes ou verduras ou sopa de frango, enfim.

Este é o grande desafio para o nosso produtor: ele vai ter de apresentar seu produto de diferentes formas dentro da cadeia produtiva.

O Japão dá um exemplo de eficiência, demonstrando como tudo funciona bem quando a cadeia do complexo agroindustrial trabalha de forma integrada. Lá, no início do século, quatro mil metros quadrados de área de produção de arroz exigiam 100 dias de trabalho, para se produzir 15 sacas de arroz de 60 quilos cada uma. Em 1980, produziam-se 26 sacas em 30 dias.

No Estado de São Paulo, temos três produtos perfeitamente integrados no complexo agroindustrial e que também podem ser citados como exemplo de salto em termos de eficiência.

O frango é um deles. Em 1930, o setor precisava de 105 dias para produzir um frango de um quilo e meio. Hoje se produz um frango de quase dois quilos em apenas 45 dias. E esse número deverá cair para 41 dias para um frango acima de dois quilos.

A soja saiu do cerrado para ganhar o

Nordeste. E aumentou em 3.000 por cento nos últimos cinco anos.

E, no caso do álcool, o custo do barril em 1970 era de US\$70. Em 1991 esse custo baixou para US\$42.

Do outro lado da questão ficam o arroz e o feijão, setores de produção que não têm essa visão de complexo agroindustrial. E, como consequência, ocorre um dos principais problemas na agricultura brasileira e na cadeia: o desperdício de alimentos.

Na área de frutas, então, o desperdício é impressionante. No caso do abacaxi, por exemplo, é preciso que o produtor coloque no mercado 1,42 quilo, para que a dona-de-casa compre um quilo. No caso da banana, o nosso produtor do Vale do Ribeira produz 1,66 quilo para que o consumidor consiga comprar um quilo. Na média, o desperdício no setor de frutas é de 30% e de 20% na área de grãos.

Por que tudo isso acontece? Repetimos, enfatizamos; pela falta de visão da integração dessa cadeia. Não adianta cobrar eficiência do produtor, levar uma nova variedade de banana para ele, se, na cadeia, ainda ocorrem desperdícios no armazenamento, no transporte e na

venda errada do produto. E o consumidor, lá no fim da linha, acaba pagando mais caro.

Ao repensar a agricultura, ao buscar soluções para todos esses problemas, estamos abrindo novas possibilidades para o Estado e para o País, criando, inclusive, novas oportunidades de trabalho.

No momento em que o desemprego é o assunto mais discutido para todos os setores da economia, no Brasil e no mundo, é importante realçar que não há nenhum setor produtivo que possa gerar tantos empregos como a agricultura, que hoje, é todo esse complexo agroindustrial. A cada novo emprego gerado na área rural, são criados seis novos postos de trabalho no complexo, envolvendo processamento de alimentos e suprimentos, indústria, transporte e comércio de alimentos.

Ao repensar a agricultura a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo convoca todos os segmentos de todas as cadeias produtivas do Estado para um trabalho sério e decisivo para já, caminhando em ritmo de modernidade rumo ao ano 2005. O momento é agora. É tempo de fazer, de refazer a agricultura paulista.